

INSTALAÇÃO «TECER» - DA CRIAÇÃO PLÁSTICA À REFLEXÃO SOBRE PROCESSOS DE INCLUSÃO EM CONTEXTOS EDUCATIVOS

Lúcia Grave Magueta

lucia.magueta@ipleiria.pt

Escola Superior de Educação e Ciências Sociais – Instituto Politécnico de Leiria

CI&DEI – Centro de Estudos em Educação e Inovação

<https://doi.org/10.34629/ipl.eselx.cap.livros.108>

Introdução

O curso de licenciatura em Educação Social da Escola Superior de Educação e Ciências Sociais (ESECS) do Instituto Politécnico de Leiria integra no seu plano de estudos a unidade curricular de Práticas Artísticas e Intervenção Socioeducativa, cujos conteúdos programáticos incidem sobre: os elementos estruturais das linguagens artísticas – linguagem plástica, música, teatro e dança; processos subjacentes à experimentação e criação artística; e práticas de criação artística na intervenção socioeducativa, com foco nas linguagens artísticas como instrumentos facilitadores do desenvolvimento pessoal e social.

No ano letivo de 2018-2019, numa lógica de investigação da práxis, considerámos importante estudar uma experiência formativa realizada numa das componentes desta unidade curricular – a componente de Linguagem Plástica – frequentada por 45 estudantes do 3º ano, prestes a finalizar o curso e a ingressar no mercado de trabalho. Com esta experiência procurava-se proporcionar aos estudantes momentos de criação plástica em grupo, promover aprendizagens relativas à pre-

paração e implementação de experiências artísticas em contexto de intervenção socioeducativa, e provocar a reflexão sobre as experiências vivenciadas e a sua relação com processos de inclusão. O estudo procurou responder à questão «Em que medida a criação plástica realizada em grupo permite a reflexão sobre processos de inclusão em contextos educativos?».

Foi seguida uma metodologia de investigação-ação que se estruturou nos momentos de (1) Diagnóstico, (2) Planificação, (3) Implementação e (4) Reflexão, sugeridos por Pérez Serrano (2004). A observação participante e os registos fotográficos realizados ao longo do processo e a análise ao conteúdo das respostas obtidas em questionários preenchidos pelos estudantes fizeram sobressair o valor formativo da experiência e permitiram caracterizar as aprendizagens que os estudantes construíram através da mesma.

Beve Contextualização Teórica

O estudo apresentado é relativo a um contexto de formação, no qual se procura criar as condições para o desenvolvimento da profissionalidade do Educador Social. Para Gorzoni e Davis (2017), uma profissão resulta de um aperfeiçoamento que surge pelas interações entre aqueles que a exercem, implicando também um aprimoramento da pessoa, desenvolvendo as competências necessárias ao bom exercício dessa profissão. Nesta definição de 'profissionalidade' entende-se que existe uma construção que resulta do exercício da profissão, da formação continuada e das relações de trabalho estabelecidas entre pares. Na profissionalidade do educador social destacam-se saberes específicos, nomeadamente, conhecer e aplicar estratégias e metodologias de intervenção socioeducativa junto de populações culturalmente diversas no sentido do desenvolvimento dos indivíduos e das comunidades. Igualmente importante é a sua capacidade para conceber, desenvolver e avaliar projetos de ação socioeducativa em contextos diferenciados e para diferentes grupos de pessoas. Nestas competências profissionais ressalta, sem dúvida, a capacidade de promoção da inclusão social.

É neste entendimento que é enquadrada a importância de práticas artísticas em contextos socioeducativos, pois estimulam novas formas de comunicação e de participação ativa das pessoas no seu próprio desenvolvimento social e cultural.

Fortuna (2014) diz-nos que a aprendizagem cultural e artística, o estímulo à descoberta das artes e à experimentação artística e o envolvimento em dinâmicas criativas e de cariz coletivo e criativo, devem

ser promovidas pelos setores cultural, educativo e social, reconhecendo que «o contributo social das artes é predominantemente entendido como um contributo formativo e capacitante em si mesmo. Tais competências são decisivas para a formação das pessoas e a sua capacitação para ultrapassar as barreiras sociais, económicas e simbólicas que definem a sua condição vulnerável ou estigmatizada» (p.127).

Estes aspetos poderão ser facilmente entendidos se atendermos à importância da experiência artística para o desenvolvimento de conhecimentos e competências técnicas, intelectuais, expressivas, emocionais e relacionais.

Civit & Colell (2004), focando particularmente o uso da «linguagem plástica», referem que a vivência de experiências com esta linguagem é importante para que as pessoas tenham capacidade de observação, para saber ver, entender, selecionar e elaborar pensamento; tenham espírito crítico, para poder dar a sua opinião e avaliar para atuar em consequência; saibam comunicar e relacionar-se com o meio, estabelecendo um diálogo com os outros, sabendo escutar e dar; sejam imaginativas, inovadoras e criativas para procurar novas soluções para as suas dificuldades e construir uma sociedade melhor; tenham sensibilidade para os outros e para o seu meio; e tenham uma mentalidade aberta, tolerante e que se adapta à mudança.

Através das práticas artísticas o educador social pode criar estratégias de acolhimento e de inclusão dos seus públicos, proporcionando espaços de interação (artística) que valorizem os seus percursos históricos, geográficos, culturais e linguísticos. Tal como afirma Almeida (2010, p.48), coloca-se ao educador social o «desafio de transformar a diversidade numa mais-valia educativa, permitindo aprendizagens mútuas entre os vários atores em presença». Para este autor, o sentido de pertença diz respeito ao domínio das referências simbólicas, assim como a autoestima, a autoconfiança, as perspetivas de futuro, a capacidade de iniciativa ou as motivações. Estes são elementos centrais aos processos de inclusão/ exclusão e estão naturalmente implicados nos processos de socialização, de aprendizagem e de desenvolvimento pessoal e social dos atores, que podem ocorrer nos espaços onde se materializa a expressão artística.

Metodologia

Tendo em conta os objetivos apresentados, o estudo, de caráter descritivo e qualitativo, seguiu uma metodologia de investigação-ação que, nas palavras de Pérez Serrano (2004, p.111), é uma metodologia

«orientada para o aperfeiçoamento da prática», que privilegia a reflexão sobre a ação para, a partir da mesma, construir conhecimento científico e conseguir uma mudança social através da intervenção. O processo de investigação-ação, para esta autora, desenvolve-se de acordo com a seguinte sequência: (1) Diagnosticar ou descobrir uma preocupação temática ou um problema; (2) Construir um plano de ação; (3) Implementar o plano e observar a maneira como funciona; e, por último, (4) Refletir, interpretar e fazer a integração dos resultados. Desta última etapa, resulta uma nova planificação que introduz mudança na prática.

Tal como também já foi referido, o estudo orientou-se pela questão «Em que medida a criação plástica realizada em grupo permite a reflexão sobre processos de inclusão em contextos educativos?» e foi realizado no contexto de uma unidade curricular do 3º ano do Curso de Licenciatura em Educação Social – Práticas Artísticas e Intervenção Socioeducativa, componente de Linguagem plástica – tendo sido envolvidos 45 alunos. O grupo era heterogéneo em idades, género, nacionalidade e grupos de referência/ representações de identidade e, no momento em que decorreu a experiência formativa descrita neste estudo, preparava-se para iniciar a formação em contexto de trabalho (Estágio).

A recolha de dados concretizou-se através da observação participante, da aplicação de questionários e da realização de registos fotográficos para documentar o progresso do trabalho prático.

O estudo seguiu a sequência de fases proposta por Pérez Serrano (2004), correspondendo a cada uma delas um conjunto de ações desenvolvidas por todos os intervenientes. Assim sendo, a fase de Diagnóstico incluiu a aplicação de um questionário com questões abertas sobre o conceito de «linguagem plástica» e a sua importância enquanto ferramenta para a intervenção socioeducativa; a fase de Planificação incluiu a planificação das ações a desenvolver tendo em conta a intencionalidade expressiva da composição visual a construir; na fase de Implementação realizou-se a criação plástica, aplicando técnicas de tecelagem e pintura com materiais diversificados; por último, a fase de Reflexão concretizou-se através da aplicação de um questionário final para recolha de evidências.

Desenvolvimento da investigação-ação

Diagnóstico

Tendo em vista a concretização das finalidades da unidade curricular e os objetivos do estudo a empreender, procurou-se nesta fase inicial fazer um levantamento de dados que permitisse conhecer as ideias dos alunos sobre «linguagem plástica» e sobre a importância que atribuem

a experiências nesta área em contextos socioeducativos. Para tal, responderam por escrito a um questionário constituído por duas questões abertas: «O que é a linguagem plástica?» e «Que papel poderão ter as experiências com a linguagem plástica na intervenção socioeducativa?». O Quadro 1 apresenta alguns excertos mais representativos das respostas dadas pelos alunos. Fazendo análise ao conteúdo das respostas, identificaram-se três categorias: *Linguagem*; *Meio de expressão e comunicação*; e *Meio de criação*. Fazendo uma interpretação global destas respostas, nesta fase inicial, os alunos revelaram que conheciam elementos da linguagem plástica, meios, técnicas e domínios em que esta se materializa (o desenho, a pintura, entre outros). Revelaram ainda que entendiam que a linguagem plástica está ao alcance de todos para a expressão e comunicação de «ideias, emoções, sentimentos» e associavam-na a atos de imaginação e criatividade também presentes noutras linguagens artísticas que conheciam experiencialmente, como o teatro e a dança criativa.

Quadro 1. – Alguns registos representativos das respostas à questão «O que é a linguagem plástica?»

<p>Categoria «Linguagem»</p> <p>«Materializa-se com elementos específicos – a cor, o traço, o plano, ...»</p> <p>«Tem um «alfabeto próprio»</p> <p>«Concretiza-se através de diferentes meios, como o desenho, a pintura, a escultura, entre outros»</p> <p>«É universal e o seu uso pode estar ao alcance de todos»</p>
<p>Categoria «Meio de expressão e comunicação»</p> <p>«Permite representar ideias, emoções, sentimentos, o que já vivemos ou que esperamos viver»</p> <p>«Podemos mostrar o mundo interior e o imaginário»</p> <p>«Permite transmitir ideias a quem vê»</p> <p>«Facilita a expressão de quem não se sente à vontade a falar ou a escrever»</p> <p>«Podemos descrever experiências e sentimentos»</p> <p>«Interessa a “expressão plástica” e não a “produção plástica”»</p>
<p>Categoria «Meio de criação»</p> <p>«Permite criar coisas, partindo de algo já existente»</p> <p>«Podemos mostrar a nossa criatividade»</p> <p>«A arte é criatividade»</p>

No que respeita à análise das respostas à segunda questão, identificaram-se as categorias: *Ferramenta para a mediação*; *Desenvolvimento pessoal*; e *Desenvolvimento social* (ver no Quadro 2 alguns excertos das respostas mais representativas). Na sua globalidade, os estudantes revelaram que viam as atividades com a linguagem plástica como metodologia para o seu trabalho, vendo-as como algo que facilita a interação inicial entre o educador social e o grupo com que vai trabalhar, pois é algo que «capta a atenção». Ficou saliente em algumas respostas que é necessária uma «leitura» dos contextos previamente à realização de qualquer intervenção educativa com as artes e que, não obstante, é necessária uma boa capacidade de adaptação e de cooperação com todos os intervenientes, fazendo sempre uma adequação.

Nestas respostas sobressaíram também referências a dimensões de

desenvolvimento pessoal que a expressão possibilita, tais como a vivência de momentos de reflexão e fruição, o autoconhecimento, a autoestima, o pensamento crítico e a capacidade de resolver problemas.

Por último, ficou também saliente a vertente do desenvolvimento social. Tomando em consideração que a intervenção socioeducativa se associa com mais frequência ao trabalho com grupos, foram referidos aspetos relacionados com as relações entre indivíduos – a «cooperação», o «trabalho de equipa», a «partilha», a «interação», a «participação» e a «inclusão». Apesar destas menções, as respostas foram vagas no sentido de não explicitarem modos de concretização destes aspetos. Contudo, é de destacar que se reconhece que as experiências com a linguagem plástica podem ser promotoras da inclusão.

<p>Categoria «Ferramenta para a mediação»</p> <p>«Pode ser uma forma de “chegarmos ao grupo”» «Desbloqueia, “quebra-gelo”» «Capta a atenção para o que vamos fazer (...) Há um interesse imediato quando observam os materiais» «As atividades têm de ser adequadas ao público»</p>
<p>Categoria «Desenvolvimento pessoal»</p> <p>«Promove a reflexão e o autoconhecimento» «Treina a capacidade de resolver problemas» «Proporciona momentos de fruição» «Trabalha a autoestima, e isso pode ser determinante para alguns públicos» «Trabalha o pensamento crítico»</p>
<p>Categoria «Desenvolvimento social»</p> <p>«Possibilita o trabalho em equipa e a cooperação» «Ao comunicar, provoca a relação com o outro» «Promove a capacidade de interação, facilita a inclusão» «Aprende-se a partilhar o espaço com o outro» «Facilita processos de participação» «Amplia as oportunidades na construção da relação com o outro»</p>

Quadro 2. – Alguns registos representativos das respostas à questão «Que papel poderão ter as experiências com a linguagem plástica na intervenção socioeducativa?»

Planificação

Tratando-se do contexto do desenvolvimento de uma unidade curricular de práticas artísticas, obviamente, os alunos teriam de vivenciar situações de experimentação e criação plástica. Assim sendo, previu-se uma sequência de experiências educativas que se iniciava com a pesquisa sobre materiais e referências artísticas, essencialmente, artistas plásticos, obras e movimentos artísticos e respetivo contexto social e cultural em que estes surgiram. Nesta fase de planificação, realizada em conjunto entre investigadora/ professora e estudantes, foi também opção do grupo fazer a reutilização criativa de materiais – *upcycling* – fazendo a conversão de materiais de desperdício em novos produtos, neste caso num produto artístico. Neste âmbito, a pesquisa passou pelo

conhecimento de obras de alguns artistas, em particular de El Anatsui, escultor ganês cujo trabalho artístico tem sido exibido por todo o mundo, que utiliza nas suas obras materiais de desperdício.

Após o conhecimento destas referências, concretizou-se a planificação das ações a desenvolver tendo em conta a intencionalidade expressiva da composição visual a construir pelo grande grupo de alunos. Nesta fase, decidiu-se que se trataria de uma instalação, que representaria visualmente aspetos da ação do educador social, tendo como base uma tecelagem de grandes dimensões – tal como muitas obras de El Anatsui. Para tal, foram realizados esboços e projetos; foram discutidas soluções técnicas; fez-se a inventariação de materiais disponíveis e a recolher (integralmente, o reaproveitamento de materiais e de objetos já existentes e sem uso); fez-se a seleção de técnicas (tecelagens, construções e assemblagem) a utilizar; e, por fim, formaram-se pequenas equipas e distribuíram-se tarefas tendo em conta o tempo disponível – 4 sessões com a duração de 3 horas cada uma.

Neste processo, foi privilegiada a escuta dos alunos, dando autonomia para que tomassem decisões sobre o processo criativo já iniciado em todos os momentos de diálogo/debate do grupo. Nesta fase, foi possível constatar que o perfil destes alunos, moldado certamente por outras experiências de formação vivenciadas no curso, permitiu que demonstrassem uma grande capacidade de comunicação, de valorização dos contributos de todos, de procura de complementaridade entre ideias diferentes, flexibilidade e autonomia de decisão.

Implementação

Após a definição de um plano de trabalho, teve início a criação plástica realizada em grupo, aplicando técnicas de tecelagem, construções, assemblagem e pintura com materiais diversificados. O processo de criação plástica incluiu a transformação de materiais em elementos possíveis de formar a «teia» e a «trama»; a ligação de elementos que foram construídos pelas várias equipas; a construção da composição agregando elementos heterogéneos e procurando harmonia visual e complementaridade no conjunto, formando um «todo».

Os materiais utilizados foram muito diversos – papel de jornal, redes e plásticos recolhidos em praias, desperdícios de tecido, rodas de bicicletas, entre outros. A união de elementos fez-se também através de técnicas diversas - atando, entrelaçando, encaixando e cosendo – procurando conseguir uma continuidade entre formas e materiais.



Figura 1. – Momentos do processo de criação da instalação

Este processo culminou com a montagem da instalação, com o título «Tecer», e apresentação da mesma à comunidade da ESECS. A tabela identificativa do trabalho referia o seguinte: «A instalação «TECER» é uma criação plástica coletiva que representa uma associação entre o significado de «tecer» e a ação do educador social. Os diferentes materiais enredam-se, entrelaçam-se e cruzam-se formando uma estrutura forte e bela. Ao promover processos de inclusão, o educador social cria elos entre diferentes grupos de pessoas e «tece», igualmente, estruturas fortes e belas.» Este texto, redigido em grupo, denota uma associação e um posicionamento dos alunos perante a «inclusão».



Figura 2. – Pormenores da composição final



Figura 3. – Pormenores da composição final

Figura 4. – Instalação «Tecer»,
exposta no átrio principal da
ESECS



Reflexão

Nesta fase, os alunos foram novamente envolvidos num diálogo/ debate sobre o processo vivenciado, no sentido de identificarem as suas aprendizagens e a transferibilidade desta experiência para contextos educativos onde, no futuro, serão intervenientes enquanto educadores sociais. Após uma reflexão oral, os alunos foram convidados a registar, por escrito, as suas respostas às perguntas: «O que aprendeu ao participar no trabalho coletivo de criação plástica?»; «O que é necessário saber e/ou fazer para organizar e dinamizar uma atividade com estas características?»; e «Que aspetos desta experiência têm sentido para a ação do educador social?».

No que respeita à primeira pergunta, as respostas dos alunos distribuíram-se por três categorias: *Domínio de técnicas, Relações interpessoais e Desafio criativo* (ver Quadro 3 que inclui alguns excertos das respostas obtidas). Nestas respostas sobressaíram as aprendizagens relativas ao uso de técnicas – tecelagem, construções, assemblagem e pintura – e a experiência nova de utilizar alguns materiais de desperdício, como por exemplo, a transformação de papel de jornal em tecelagem - «Foi surpreendente fazer um tecido com jornais». Dado o pouco tempo de que se dispôs para a execução do trabalho, foi fundamental uma divisão de tarefas, havendo partes da composição que foram construídas separadamente por pequenos grupos. Houve também necessidade de haver alunos apenas a preparar materiais enquanto outros «teciam». Esta circunstância justifica que nas suas respostas tenham valorizado as «Relações interpessoais», pois apesar de todos os alunos se conhecerem, estavam a viver em conjunto uma nova experiência que trouxe ao grupo, também, novos modos de sociabilidade - «Foi uma maneira de conhecer melhor as pessoas da turma». Foi também salientado o carácter criativo da experiência de formação, havendo registos que mencionam a importância de haver liberdade para criar, tendo sido necessário, igualmente, criar soluções para problemas que

foram surgindo – o peso das peças a suspender, a dificuldade de ligar elementos heterogéneos na composição para conseguir a coerência visual do conjunto, chegar à mensagem de texto que se inscreveu na composição, entre outras.

Categoria «Domínio de técnicas»
«Aprendi novas formas de utilizar materiais que eu pensava que não iriam servir para nada» «Neste trabalho aprendeu-se a conjugar materiais, como unir elementos, colando, agrafando, atando, encaixando» «Foi surpreendente fazer um tecido com jornais»
Categoria «Relações interpessoais»
«Percebi que trabalhar em grupo dá resultados mais satisfatórios do que trabalhar sozinho» «Aprendi a partilhar o meu espaço com os outros» «Tínhamos de contribuir com algo e aceitar o contributo dos outros também» «Comecei a relacionar-me com pessoas com quem não tinha ligação» «Foi uma maneira de conhecer melhor as pessoas da turma»
Categoria «Desafio criativo»
«Uma proposta deste género dá muita liberdade e isso envolve-nos logo à partida. Se fosse algo muito conduzido, eu não iria gostar tanto» «Devemos propor fazer algo que seja do interesse das pessoas e deixá-las fazer escolhas. Foi o que aconteceu neste trabalho»

Quadro 3. – Alguns registos representativos das respostas à questão «O que aprendeu ao participar no trabalho coletivo de criação plástica?»

A segunda questão requeria aos alunos que enumerassem alguns procedimentos a considerar na organização e dinamização de uma atividade, com as características da que foi desenvolvida, num contexto de intervenção socioeducativa. Ao recuperarem a sequência de etapas realizadas, perspetivaram a transferibilidade do processo para um contexto real de trabalho. E, assim sendo, as suas respostas distribuíram-se entre as categorias *Conhecimentos teóricos* e *Conhecimentos práticos* (ver Quadro 4 com excertos das respostas mais representativas). Nas suas respostas os alunos evidenciaram conhecimentos relativos a metodologias de intervenção socioeducativa, próprios de quem está no final da formação. Assim sendo, referiram-se ao diagnóstico das situações sociais, previamente ao planeamento da intervenção; ao conhecimento de estratégias de dinamização cultural e social; ao papel do educador social; entre outras. Nos conhecimentos práticos evidenciaram-se componentes relativas ao planeamento, como o «tempo», o «espaço», os «recursos» e também o domínio de saberes técnicos que permitem operacionalizar as atividades – saber selecionar materiais e saber transformá-los, por exemplo. Foi reconhecido que os contextos de intervenção socioeducativa são também contextos onde se pode fazer a sensibilização para a reutilização criativa de materiais, contribuindo para a extensão do ciclo de vida dos mesmos e que, no âmbito da criação plástica, tem sentido fazer esta reflexão acerca da utilização circular dos materiais.

Quadro 4. – Alguns registos representativos das respostas à questão « O que é necessário saber e/ou fazer para organizar e dinamizar uma atividade com estas características?»

Categoria «Conhecimentos teóricos»
«Temos de ser conhecedores do contexto e do grupo com quem vamos trabalhar» «Temos de conhecer dinâmicas para comunicar e envolver o grupo» «É importante contextualizar as experiências. A plástica pode aparecer numa sequência de outras experiências de um projeto» «É importante que as propostas sejam consistentes com os objetivos da intervenção» «Temos de ter consciência do papel que desempenhamos no decurso da experiência»
Categoria «Conhecimentos práticos»
«Temos de conhecer potencialidades dos materiais e técnicas para os trabalhar» «Importa muito saber fazer o reaproveitamento de materiais» «Saber organizar um espaço e recursos necessários, tendo em conta o grupo e o contexto» «O tempo que temos disponível tem de se ajustar ao que vamos propor. Neste trabalho que fizemos, se tivéssemos mais tempo o resultado teria sido diferente, certamente.»

A última questão solicitava uma reflexão mais abrangente sobre toda a experiência de formação e a relação que estabeleciam entre a mesma e a ação do educador social. As respostas foram em direções distintas, mas traduziam-se em *Importância das artes e em Modos de agir*, sendo assim denominadas as duas categorias resultantes (ver Quadro 5 com excertos das respostas mais representativas). As respostas evidenciaram a importância que as artes podem ter na intervenção, pois são facilitadoras do envolvimento das pessoas no seu próprio desenvolvimento social e cultural. Tal como disse uma das alunas, citando a autora Isabel Batista, «O educador social é um profissional da arte de tecer laços sociais». A possibilidade de estes alunos, em final de formação, poderem vivenciar uma experiência artística em grupo, fê-los estabelecer o paralelismo entre o «seu» grupo de pares e os futuros grupos com que intervirão enquanto educadores sociais. Nesta fase final, a «inclusão» esteve presente no seu discurso. De várias formas, reconheceram o valor desta experiência salientando modos de agir do educador social, no que respeita a opções pedagógicas para a promoção da inclusão - «Neste trabalho todos davam ideias, apesar da diversidade existente todos estavam incluídos e é isso que temos de fazer acontecer quando estivermos no terreno».

Quadro 5. – Alguns registos representativos das respostas à questão «Que aspetos desta experiência têm sentido para a ação do educador social?»

Categoria «Importância das artes»
«Percebi o sentido de aliar as artes à intervenção» «O educador social é um profissional da arte de tecer laços sociais» (citava a autora Isabel Batista)
Categoria «Modos de agir»
«Teremos de acompanhar e apoiar, mas não devemos dizer o que deve ser feito, pois assim estaríamos a impor as nossas ideias» «Uma atividade deste género tem de ser espontânea e prazerosa e o educador social tem de ter isso em conta» «Neste trabalho todos davam ideias, apesar da diversidade existente todos estavam incluídos e é isso que temos de fazer acontecer quando estivermos no terreno» «O bom ambiente que se cria. Houve liberdade para decidirmos que rumo é que seguíamos» «Mesmo no momento da montagem da instalação no átrio, estivemos todos envolvidos e orgulhosos do trabalho perante quem passava e perguntava o que era»

Conclusão

Num plano geral, os resultados encontrados com este estudo permitem concluir que a experiência artística que foi proporcionada aos estudantes foi um contributo muito positivo para a sua formação enquanto educadores sociais. Os objetivos inicialmente formulados foram atingidos e encontraram-se contributos relevantes para a resposta à questão orientadora da investigação. Assim sendo, conclui-se que as experiências vivenciadas permitiram aos estudantes:

- Compreender o valor das práticas artísticas vivenciadas em grupo para a construção de redes de sociabilidade;
- Refletir sobre «diversidade» e «inclusão», partindo do próprio grupo;
- Perceber que em justaposição à criação plástica existe um processo que envolve a construção de consensos e a participação em algo que se «constrói», com avanços e recuos;
- Compreender a importância de ter conhecimento e de o mobilizar em situações específicas;
- Rever o percurso vivenciado no exercício de criação artística realizado em grupo, reconhecendo referências teóricas e práticas transferíveis para a ação do educador social;
- Perspetivar modos de agir e discursos pedagógicos favoráveis à promoção da inclusão e construção de sentimentos de pertença.

Referências

Almeida, V. M. (2010). *O Mediador Sócio-Cultural em Contexto Escolar*. Contributos para a compreensão da sua função social. Edições Pedagogo.

Civit, L. & Colell, S. (2004). EducArt: intervenció educativa y Expresión Plástica. *Educación Social*, 28, 99-118.

Fortuna, C. (2014). *Cultura, Formação e Cidadania*. Gabinete de Estratégia, Planeamento e Avaliação Culturais – Secretaria de Estado da Cultura.

Gorzoni, S. P. & Davis, C. (2017). O conceito de profissionalidade docente nos estudos mais recentes. *Cadernos de Pesquisa*, 47(166), 1396-1413.

Pérez Serrano, G. (2004). Metodologias de Investigação em Animação Sociocultural. In Jaume Trilla (ed.), *Animação Sociocultural* (pp. 101-119). Instituto Piaget.